

## Novos dados cerâmicos da frente ribeirinha de Salacia (Alcácer do Sal, Portugal): O estudo de três dolia completos

Daniel Andrade\*

Sónia Bombico\*\*

Marisol Ferreira\*\*\*

José Carlos Quaresma\*\*\*\*

Pedro Pereira\*\*\*\*\*

\*Universidade Nova de Lisboa - CHAM e Universidade de Évora - CIDEHUS

\*\*Universidade de Évora - CIDEHUS

\*\*\*Câmara Municipal de Alcácer do Sal

\*\*\*\*Universidade Nova de Lisboa - CHAM

\*\*\*\*\*Universidade do Porto - CITCEM

andrade.dcp@gmail.com

sbombico@uevora.pt

marisol.ferreira@m-alcacerdosal.pt

josecarlosquaresma@gmail.com

pedro.abrunhosa.pereira@gmail.com

A investigação arqueológica em Alcácer do Sal, a antiga *Salacia Urbs Imperatoria*, tem-se centrado maioritariamente na parte elevada da urbe, onde se localizam o castelo e as muralhas medievais (Fig.1). Nessa área foi identificado o *forum* (Faria 2002), um santuário (Encarnação e Faria 2002), bem como *tabernae* e alguns arruamentos (Silva *et alii*. 1980). Os estudos dos conjuntos cerâmicos recuperados nas intervenções arqueológicas documentam a importância de *Salacia* desde a segunda metade do século I a.C. até ao século II d.C., com a importação de *terra sigillata* itálica, gálica e hispânica (Faria, Ferreira e Diogo 1987; Sousa *et alii* 2008; Viegas 2014). Os dados publicados evidenciam, também, a importação de ânforas, nomeadamente oleícolas e vinárias da Bética, da Gália e, em menor número da Península Itálica; assim como a pre-

- Nuevas investigaciones*, Roma, Fabrizio Serra Editores, 123-155.
- Gómez Peña, Á. 2013: "Algunas notas sobre los alabastrinos fenicio-púnicos de la Península Ibérica", en L. Girón, M. Lazarich y M. Conceição Lopes (eds.), *Congreso internacional sobre Estudios Cerámicos. Homenaje a la Dra. Mercedes Vegas* (Cádiz, 1-5 noviembre 2010), 900-926.
- Higueras-Milena Castellano, A. y Cerezo Andreo, F. 2021: "Investigaciones arqueológicas mediante métodos geofísicos marinos en el entorno de La Caleta: antecedentes y novedades de la campaña de 2019", en A. J. Gullón, L. Padrón y C. Pérez-Reverte (eds.), *La Caleta (Cádiz): Entre la Tierra y el Mar: Un estudio diacrónico del uso*, 17-34.
- Higueras-Milena Castellano, A. y Sáez Romero, A. M. 2017: "The Phoenicians and the Ocean: trade and worship at La Caleta, Cádiz, Spain". *The International Journal of Nautical Archaeology*, 47, 81-102.
- López de la Orden, M.D. y García Rivera, C. 1985: "Ánforas púnicas de la Caleta, Cádiz", en *VI Congreso Internacional de Arqueología Submarina (Cartagena, 1982)*, 393-397.
- Martí Solano, J. 2010: "Prospecciones y sondeos arqueológicos en el yacimiento subacuático de Bajos de Chapitel. Bahía de Cádiz", *Anuario Arqueológico de Andalucía (Cádiz)*, 2006, 628-643.
- Martí Solano, J. 2014: "Actuaciones en Andalucía en desarrollo del Plan Nacional de Arqueología Subacuática", en X. Nieto y M. Bethencourt. (Eds.) *Arqueología Subacuática Española. Actas del I Congreso de Arqueología Náutica y Subacuática Española (Cartagena, 14-16 de marzo de 2013)*, vol. II. Cádiz, 775-787.
- Maya Torcelly, R.; Jurado Fresnadillo, G.; Gener Basallote, J. M.; López Rosendo, E.; Torres Ortiz, M. y Zamora, J. A. 2014: "Nuevos datos sobre la posible ubicación del Kronion de Gadir: las evidencias de época fenicia arcaica", en M. Botto (ed.), *Los Fenicios en La Bahía de Cádiz. Nuevas Investigaciones*, Roma, Fabrizio Serra Editores, 156-180.
- Núñez Calvo, F.J. 2013: "De Tiro a Almuñécar. Conexiones metropolitanas de un contexto colonial fenicio", *Madriditer Mitteilungen*, 54, 27-87.
- Pérez Hormaeche, E. 1993: "Arqueología Gaditana II: ungüentarios púnicos", *Gades*, 21, 261-268.
- Ramírez Delgado, J. R. y Mateos Alonso, V. 1982: "Trabajos arqueológicos submarinos en Cádiz". *Revista de Arqueología*, 22.
- Ramírez Delgado, J. R. y Mateos Alonso, V. 1985: "La arqueología subacuática en la bahía de Cádiz", en *Actas del VI Congreso Internacional de Arqueología Submarina (Cartagena, 1982)*, 75-82.
- Ramírez Delgado, J. R. y Mateos Alonso, V. 1992: "Terracota negroide de la Punta del Nao (Cádiz)" *Boletín del Museo de Cádiz*, 5, 31-36.
- Ramírez Delgado, J. R. y Mateos Alonso, V. 1994: "Terracota orientalizante de la Punta del Nao (Cádiz)", *Boletín del Museo de Cádiz*, 6, 93-99.
- Rodríguez, N. y Martí, J. 2001: "Actuación arqueológica subacuática en los bajos al noroeste de la ciudad de Cádiz", *Boletín del IAPH*, 36, 75-82.
- Ruiz Mata, D. y Pérez Pérez, C. J. 1995a: *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*. Cádiz, Ayuntamiento de El Puerto de Santa María.
- Ruiz Mata, D. y Pérez Pérez, C. J. 1995b: "Aspectos funerarios en el mundo orientalizante y colonial de Andalucía occidental", en R. Fábregas, F. Pérez y C. Fernández (eds.), *Arqueología da Morte na Península Ibérica desde as Orixes ata o Medioevo. Actas do Curso de Verán da Universidade de Vigo* (Xinzo de Lima, 1994), Orense, Concello de Xinzo de Limia, 169-221.
- Sáez Romero, A.M. e Higueras-Milena Castellano, A. 2016: "Cerámicas fenicias arcaicas de procedencia subacuática del área de la Caleta (Cádiz): ensayo de contextualización e interpretación histórica". *CuPAUAM*, 42, 119-142.
- Stager, L. E. 1996. "Ashkelon and the archaeology of destruction", *Eretz Israel (Aviram volume)*, vol. 25, 61-73.
- Torres, M. 1999: *Sociedad y mundo funerario en Tartessos (Biblioteca Archaeologica Hispana 3)*. Madrid, Real Academia de la Historia.
- Torres Ortiz, M.; López Rosendo, E.; Gener Basallote, J. M.; Navarro García, M. A. y Pajuelo Sáez, J. M. 2014: "El material cerámico de los contextos fenicios del "Teatro Cómico" de Cádiz: un análisis preliminar", en M. Botto (ed.), *Los Fenicios en La Bahía de Cádiz. Nuevas investigaciones*, Roma, Fabrizio Serra Editores, 51-82.

<sup>1</sup> Los números empleados para identificar a los distintos ejemplares hacen referencia al número de inventario interno general del Museo de Cádiz.

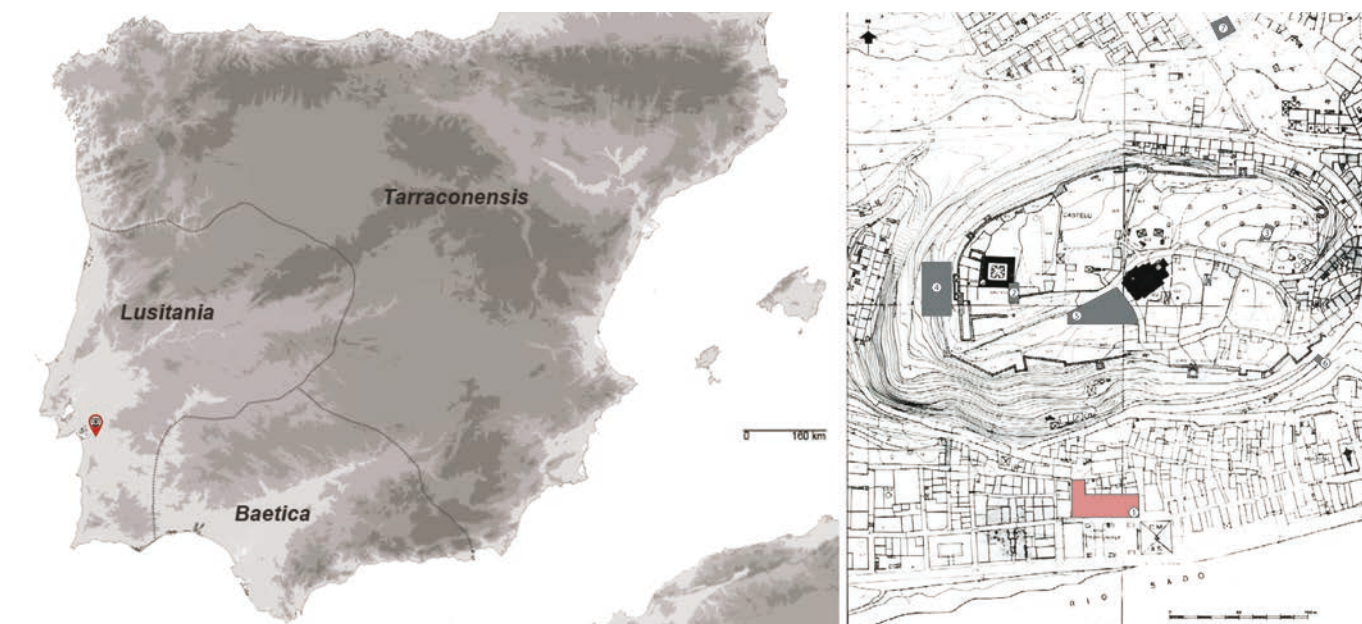


Figura 1. Localização de *Salacia* e do contexto arqueológico em estudo.

sença maioritária de ânforas lusitanas, consequência natural da existência de um importante complexo de produção anfórico na região (Pimenta *et alii* 2016; Pimenta, Sepúlveda e Ferreira 2015).

Para além das excelentes condições de navegabilidade, também a sua importância em época pré-romana terá promovido o estabelecimento da capital da *civitas* em Alcácer do Sal. A *Salacia* romana, recebeu estatuto latino entre 27 e 12 a.C., passando posteriormente a município nos anos 5 a 4 a.C. (Faria 2002). *Salacia* foi sede administrativa de um vasto território, no qual se implementaram diversas áreas produtivas – agrícola, haliêutica e salineira – que alimentaram as atividades comerciais da cidade. Porto importante e privilegiado para o comércio romano no Atlântico, *Salacia* terá mantido, pelo menos até ao século II d.C., um papel económico preponderante no estuário do Sado (Faria 2002; Mantas 2010; 2017; Pimenta, Sepúlveda e Ferreira 2015), encabeçando um complexo portuário no qual se incluem, também, *Caetobriga* (Setúbal) e o centro produtor de salgas de peixe de Tróia (Bombico e Magalhães 2025).

Os dados arqueológicos da área do Castelo confirmam a importância regional de *Salacia* no Alto Império e sugerem o seu aparente declínio a partir do século II d.C. (Faria 2002; Pimenta, Sepúlveda, e Ferreira 2015). Mas a ocupação romana não se limitou à zona alta da urbe, tendendo-se estendido até à zona ribeirinha, como indicam alguns contextos arqueológicos identificados na cidade. Esses contextos, cujos materiais cerâmicos têm vindo a ser estudados, sugerem um prolongamento da cronologia de ocupação vigente (Magalhães 2023). Um desses contextos é o da Igreja do Espírito Santo, localizada na frente ribeirinha de Alcácer do Sal.

Em 2007, a Igreja do Espírito Santo, datada dos séculos XIV-XV, foi fechada ao público devido ao seu avançado estado de degradação (Ferreira 2010: 2-4). O espaço foi intervencionado e recuperado, nos anos seguintes (2009-2010), tendo sido reaberto ao público como o renovado Museu Municipal Pedro Nunes. As obras de recuperação implicaram a escavação arqueológica do espaço, tendo sido os trabalhos realizados pela Câmara Municipal de Alcácer do Sal, sob a coor-

denação científica da arqueóloga Marisol Ferreira. Os resultados da intervenção documentaram uma ocupação contínua do espaço da igreja desde a Idade do Ferro (século IV/III a.C.). A área apresenta pouca potência estratigráfica, sendo caracterizada por contextos de ocupação de diferentes períodos que se sobrepõem e cruzam, resultantes da constante destruição e reocupação dos espaços; por esse motivo, a leitura e compreensão das sequências estratigráficas revelou-se bastante difícil (Ferreira 2010; 2015; 2020: 17).

No que concerne à ocupação de época romana, foi possível identificar várias estruturas e um conjunto numeroso de artefactos romanos, incluindo *terra sigillata*, cerâmica campaniense, paredes finas, cerâmica comum e de cozinha, ânforas, objetos de metal, osso e marfim, moedas, vidros, entre outros. Documentou-se a parte inferior de uma ânfora ovóide lusitana, no alinhamento de um muro, assim como um *dolium defossa* implantado junto à parede Norte da Igreja (Fig. 2, nº 1) (Ferreira 2010; 2020). Um outro *dolium* destaca-se na coleção cerâmica,



Figura 2. Estruturas romanas identificadas durante a intervenção na Igreja do Espírito Santo (adaptado de Ferreira 2010).

proveniente das intervenções arqueológicas na Igreja, trata-se de um exemplar quase completo, grafitado e decorado (Fig.2, nº 2).

O *dolium* nº 1 foi identificado *in situ*, a Norte de um pavimento lajeado, possivelmente de época romana. Estas estruturas encontravam-se sob um derrube de telhado de cronologia romana, que por sua vez se encontrava cortado pelas fundações da igreja e por vários enterramentos cristãos de época moderna. Este exemplar foi descoberto aquando da escavação do corte do setor E6, cuja escavação foi alargada. O *dolium defossa* encontrava-se preenchido por sedimento formado por pedras de pequenas dimensões e terra castanho-escura (Ferreira 2010: 52–54, fig. 3). Em termos morfológicos, a peça apresenta um bordo espessado externamente, introvertido, com 32 centímetros de diâmetro interno. Tem uma altura de 76 centímetros e um diâmetro máximo de 80 centíme-

tros, duas asas em fita e um fundo plano simples, com um diâmetro externo de 33 centímetros. O seu corpo apresenta uma forma piriforme invertida e a cor da pasta é castanho-clara. Enquadra-se no tipo 2D da tipologia de *dolia* da Lusitânia, recentemente apresentada por Quaresma, Pereira e Bombico<sup>1</sup>; tendo sido a sua litragem calculada em aproximadamente 290 litros. Cinco centímetros abaixo do bordo, ao nível das asas, registam-se duas caneluras, espaçadas oito centímetros entre si, que delimitam uma banda decorativa, composta por duas decorações incisivas onduladas (Fig.3).

O *dolium* nº 2 apresenta um bordo espessado externamente, introvertido, com 34 centímetros de diâmetro interno. Tem um diâmetro máximo de 88 centímetros, asas em fita com uma canelura; o seu corpo é piriforme invertido e a sua pasta é castanha-avermelhada. Não foi possível reconstituí-lo totalmente, faltando o fun-

do. Enquadra-se no tipo 2D da tipologia definida para a Lusitania (Quaresma, Pereira e Bombico *no prelo*). Cinco centímetros abaixo do bordo, ao nível das asas, encontravam-se duas caneluras, espaçadas oito centímetros entre si, que delimitavam uma banda decorativa com motivos ondulados incisivos, à semelhança do *dolium* nº 1.

Um outro *dolium* completo, ainda que de proveniência desconhecida, merece referência. Depositado nas reservas municipais de Alcácer do Sal, o *dolium* nº 3 apresenta um bordo espessado introvertido, com um lábio arredondado, cujo diâmetro interno é de 38 centímetros. O corpo apresenta uma forma piriforme invertida, com um diâmetro máximo de 80 centímetros, uma altura de 88 centímetros, e um fundo plano simples com 26 centímetros de diâmetro. Apresenta duas asas em fita simples, imediatamente abaixo do lábio. Enquadra-se no tipo 2A da tipologia definida por

Quaresma, Pereira e Bombico (*no prelo*), e a sua litragem foi calculada em 275 litros. A superfície externa apresenta cal ou argamassa<sup>2</sup>. Cinco centímetros abaixo do bordo, ao nível das asas, encontravam-se duas caneluras, espaçadas seis centímetros entre si, que delimitavam uma banda decorativa idêntica à do *dolium* n.º 1. Apresenta também nove caneluras incisas na parte inferior do corpo e uma pasta castanha-avermelhada. Este *dolium* apresenta oito gatos de chumbo, sugerindo reparações ao longo do seu período de utilização<sup>3</sup>.

Os três *dolia* apresentam fabricos enquadáveis nas produções oleiras do Tejo-Sado; com pastas de tons que variam entre o castanho-avermelhado e o laranja-claro, oxidantes, porosas e compactas, com frequentes elementos não plásticos de médias e grandes dimensões, de entre os quais os mais frequentes são o quartzo, a mica e o feldspato, respetivamente, registando-se também a presença de *chamotte*. Os *dolia* n.º 1 e n.º 2 apresentam grafitos *post cocturam*, ambos centrados na moldura decorativa imediatamente abaixo do lábio. Em ambos os casos são grafitos numerais. No *dolium* n.º 1 lê-se “XXX”, ou seja, “30”. O grafito do *dolium* n.º 2 é de leitura mais complicada por estar incompleto. No entanto, é possível ler “(...) XXXXIIIIIL(...)”, estando o “L” escrito de forma arcaica, conforme documentado em casos análogos na Gália Narbonense e na Aquitânia (Cagnat 1889; Marichal 1988; Carrato 2017).

Grafitos ou marcas de oleiro são bastante comuns em *dolia*, e vulgarmente associam-se à produção (marcas de oleiro), ao armazenamento (indicação de capacidade ou litragem) ou ao comércio (indicação de proprietários do produto alimentar armazenado no recipiente) (Alarcão 1974; Pereira e Morais 2015; Carrato 2017: 166–177; Salido Domínguez 2017: 292–296; Tremoleda Trilla 2020: 95).

Os grafitos dos *dolia* de *Salacia* parecem corresponder a marcas de capacidade

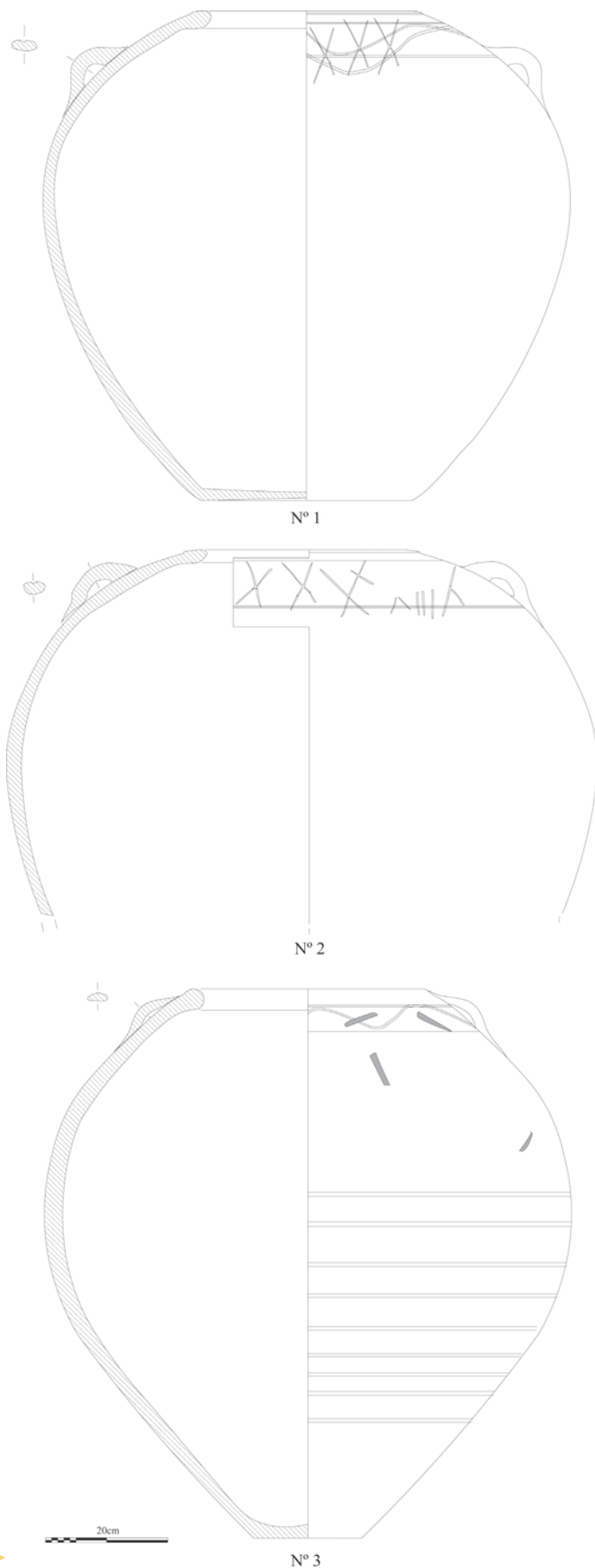


Figura 3. *Dolia* de Alcácer do Sal.

de, tanto pela sua grafia como posição. Normalmente registam-se no colo da peça, imediatamente abaixo do bordo, de maneira a permanecerem visíveis em *dolia defossae* (Salido Domínguez 2017: 294–96). Infelizmente, nos grafitos de Alcácer do Sal estão ausentes as fórmulas que permitem identificar o volume segundo as medidas romanas – *Mensurae* e *Sextarii* – normalmente assinaladas por um “M” e um “SX” geminados<sup>4</sup> (Tremoleda Trilla 2020: 95). A utilização destas medidas de volume ou litragem é de difícil interpretação. Tomemos como exemplo um *dolium* de *Torrent de les Voltes* (Puigpelat, Alt Camp, Catalunha), com uma capacidade de 633 litros e que apresenta o grafito “XXIII” (Tremoleda Trilla 2020: 95), ao passo que o *dolium* nº 1 de *Salacia*, grafitado com “XXX”, tem uma capacidade estimada de apenas de 290 litros.

A elevada presença de *dolia* e de uma ânfora *in situ* parece indicar que o espaço em estudo poderia corresponder a um armazém, possivelmente relacionado com as estruturas comerciais do porto de *Salacia* (Ferreira 2020: 17). Encontramos paralelo para este tipo de contexto no estuário do Sado, mais concretamente em *Caetobriga* (Setúbal) na Travessa João Galo nº 4, sítio intervencionado pelo MAEDS em 1997. Deste contexto foi exumado um *dolium defossa*, fragmentos de *dolia* que permitiram a reconstituição de dois exemplares inteiros e algumas ânforas *in situ*, associadas a contextos imperiais. O edifício foi interpretado como um armazém de ânforas, utilizado entre os séculos I-II d.C. O *dolium in situ* enquadrava-se na fase IV de ocupação do sítio, datada do século IV d.C., ainda que a sua presença pudesse corresponder a uma reminiscência da fase anterior, visto que a fase tardia é caracterizada pela espoliação e reutilização do armazém alto-imperial (Silva e Coelho-Soares 2014: 332–37).

Os *dolia* agora estudados reforçam os dados para o estudo da frente ribeirinha da cidade romana de *Salacia Urbs Imperatoria*, sobre a qual conhecemos ainda tão pouco.

#### Bibliografia:

- Alarcão, J. 1974: *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Bombico, S. e Magalhães, A. P. 2025: “A água como elemento integrador da paisagem produtiva no território de *Salacia*: Uma análise a partir das olarias romanas de Alcácer do Sal (Portugal)”, *Agua Y Territorio / Water and Landscape*, nº 25, UJA Editorial, Jaén.
- Cagnat, R. 1889: *Cours d'Épigraphie latine. 2e édition entièrement refondue et accompagnée de planches et de figures*. 8 volumes, Thorin, Paris.
- Carrato, C. 2017: *Le Dolium en Gaule Narbonnaise (Ier a.C. - IIIer S.p.C.) - Contribution à l'Histoire socio-économique de la méditerranée Nord-occidentale*, Mémoires 46, Université Bordeaux Montaigne, Bordeaux.
- Correia, V. H. 2013: *A Arquitectura Doméstica de Conimbriga e as Estruturas Económicas e Sociais da Cidade Romana*, Anexos de Conimbriga 5, Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, Coimbra.
- Encarnação, J. e Faria, J. 2002: “O Santuário Romano e a Defixio de Alcácer do Sal”, em *Religiões da Lusitânia*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 259–263.
- Faria, J. 2002: *Alcácer do Sal ao tempo dos Romanos*, Edições Colibri, Lisboa.
- Faria, J., Ferreira, M. e Diogo, A. M. 1987: “Marcas de terra sigillata de Alcácer do Sal”, *Conimbriga*, XXVI, Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, Coimbra.
- Ferreira, M. 2010: *Trabalhos arqueológicos na Igreja do Espírito Santo, Alcácer do Sal. Relatório Final. Relatório de Intervenção Arqueológica*, Direcção Geral de Património e Cultura, Lisboa (policopiado).
- Ferreira, M. 2015: “A Igreja do Espírito Santo (Alcácer do Sal) – Resultados Finais”, *Neptuno*, Associação de Defesa do Património Cultural de Alcácer do Sal, 4-6.
- Ferreira, M. 2020: “Igreja do Espírito Santo. A escavação arqueológica e os achados”, *Museu Municipal Pedro Nunes – Catálogo*, Câmara Municipal de Alcácer do Sal, 17-19.

- Magalhães, A. P. 2023: “Living on the edge. Commerce and Trade on the Southwest Lusitanian Port Ensembles in Late Antiquity”, *Al-Masq - Journal of the Medieval Mediterranean - Approaching the Early Medieval Iberian Economy from the ground up*, vol. 35, issue 3, 326-342.
- Mantas, V. G. 2010: “Atlântico e Mediterrâneo nos portos romanos do Sado”, *Revista Portuguesa de História*, nº 41: 195–218.
- Mantas, V. G. 2017: “Navegação, centros urbanos e espaços portuários na Lusitânia”, em *IVSITANIA ROMANA - Del Pasado al Presente de la Investigación*, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 179–207.
- Marichal, R. 1988: *Les graffites de La Graufesenque*, Centre National de la Recherche Scientifique, Paris.
- Pereira, P. e Morais, R. 2015: “Estudo cronotológico de *dolia* em Portugal”, em Morais, R. e Fernández Fernández, A. (Dir.): *Actas do 2º Congresso da SECAH. Braga. Março de 2013. Monografias Ex Officina Hispana*, nº 2, 33-44.
- Pimenta, J., Ferreira, M. e Cabrita, A. C. 2016: “The Roman Kilns at Estrada da Parvoice, Alcácer do Sal (Portugal)”, em Pinto, I. V., Almeida, R. e Martin, A. (eds): *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution, Roman and Late Antique Mediterranean Pottery*, nº 10, Archaeopress Publishing Ltd, 73-79.
- Pimenta, J., Sepúlveda, E. e Ferreira, M. 2015: “Acerca da Dinâmica Económica do Porto de Urbs Imperatoria *Salacia*: O Estudo Das Ânforas”, *CIRA-Arqueologia*, nº 4, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 151–75.
- Quaresma, J. C.; Pereira, P. e Bombico, S. *no prelo*: “*Dolia ex Lusitania*”, em *Los dolia en las provincias de Hispania en época romana. Estado de la cuestión y perspectivas*, ICAC - Institut Català d'Arqueologia Clàssica, Tarragona.
- Salido Domínguez, J. 2017: “Los dolia en Hispania: caracterización, funcionalidad y tipología”, em *Manual de cerámica romana III. Cerámicas romanas de época imperial III: Cerámica común de mesa, cocina y almacenaje. Imitaciones hispanas de series romanas. Otras producciones*, Museu Nacional de Arte Romana, Alcalá de Henares, 237–310.
- Silva, C. e Coelho-Soares, J. 2014: “Preexistências de Setúbal. A ocupação romana da Travessa de João Galo, nº 4-4B”, em *Setúbal Arqueológica, Actas do II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa*, nº 15, Museu de Arqueologia e Etnografia do

Distrito de Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 305–40.

Silva, C., Soares, J., Beirão, C., Dias, L. e Coelho-Soares, A. 1980: “Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979)”, *Setúbal Arqueológica*, nº 6–7, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 149–219.

Sousa, É. M., Sepúlveda, E., Faria, J. C. e Ferreira, M., 2008: “Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 6: conclusões”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº 11 (1), 149-161.

Tremoleda Trilla, J. 2020: “Los dolia de Catalunya. Producción y prosopografía”, em Carrato, C. e Cibecchini, F. (Dir.): *Nouvelles Recherches sur les Dolia - L'exemple de la Méditerranée nord-occidentale à l'époque romaine*, Revue Archéologique de Narbonnaise, nº50, Éditions de l'Association de la Revue archéologique de Narbonnaise, Montpellier, 83-124.

Viegas, C. 2014: “Terra Sigillata Imports in Salacia (Alcácer do Sal, Portugal)”, *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, Acta 43, Bonn, 755-764

<sup>1</sup> Apresentada no Congresso Internacional – “*Los dolia en las provincias de hispania en época romana. Estado de la cuestión y perspectivas*”, em 2022, na cidade de Tarragona (Quaresma, Pereira e Bombico *no prelo*).

<sup>2</sup> Esta argamassa pode dever-se a fatores pós-deposicionais, como o preenchimento de uma vala detrítica com argamassa ou à reutilização da peça como material de construção. O uso de cal documenta-se, também, em *dolia* destinados ao armazenamento de azeite, existindo evidências da sua utilização no revestimento interno e externo das peças. Conhecem-se, também, *dolia* na Lusitania para armazenar cal (Correia 2013: 196–197), ainda que nesse caso a cal devesse estar nas paredes internas, e não externas.

<sup>3</sup> A utilização de gatos está documentada em vários contextos na Península Ibérica, demonstrando que o gateamento, com chumbo, seria mais económico do que substituir um *dolium* danificado por um novo (Salido Domínguez 2017: 248).

<sup>4</sup> A utilização desta fórmula é conhecida apenas por um exemplar na Lusitania, em Ponte de Sor (em estudo pelos autores deste texto).

## Ánfora ovoide nº 5, en un ajuar de enterramiento. Excavación arqueológica preventiva, c/ Corredera nº 68 en Puerto de Mazarrón (Murcia)

Jose Antonio Martín Del Amor

Universidad de Murcia

efentora@gmail.com

La intervención arqueológica en el solar de Puerto de Mazarrón, cuyo motivo es la actuación arqueológica para la construcción de un edificio de nueva planta con viviendas, garajes y local comercial.

El solar, de forma rectangular, se encuentra dentro del área de protección de la Factoría de Salazones Romana, declarada Bien de Interés Cultural con categoría de Zona Arqueológica por Decreto 33/1995 de 12 de mayo (BORM nº 141 de 20/06/95), del consejo de Gobierno de la Comunidad Autónoma de la Región de Murcia, por el que se declara Bien de Interés Cultural, con categoría de Zona Arqueológica, la Factoría Romana

de Salazones, en el Puerto de Mazarrón, Mazarrón (Murcia).

Se plantea la intervención con el objetivo de aportar nuevos datos histórico-arqueológicos sobre esta parte del municipio para un conocimiento de su evolución urbana en diferentes épocas y su relación con otras excavaciones cercanas, como en la C/ Era, C/ Esperanza y C/ Francisco Yúfera.

La intervención, realizada durante el mes de septiembre 2022, donde fueron aportando unos resultados y datos que permitieron corroborar la existencia de niveles de época antigua en el solar, así como su entidad y su relación con los resultados estratigráficos obtenidos en las diversas intervenciones arqueológicas realizadas en el entorno de esta parte del Puerto de Mazarrón (Fig. 1).

Con la retirada de los niveles superficiales de relleno, se documentó una fase perteneciente al período constructivo de época contemporánea, con una ocupación ininterrumpida, donde se presenta un panorama muy completo de la evolución histórica de la ciudad entre los siglos I a. C. - VII d. C. al que hay que añadir la presencia de inhumaciones en fosa excavadas en la roca de base cuyas características son inéditas en este sector del casco

Figura 1. Situación de la zona. Google Earth.

